

SATASLOKI

de

Sri Sankara Bhagavatpada

Por S. N. Sastri.

Tradução de E. M. – 2019.¹

1. Não há nada em todos os três mundos que possa ser comparado ao Sadguru que comunica o conhecimento do Eu. A lendária pedra filosofal talvez seja sugerida como uma comparação, porque ela tem a capacidade de transformar uma peça de ferro em ouro, assim como o Sadguru converte um discípulo comum em uma pessoa iluminada. Mas essa comparação não pode durar porque, enquanto o Sadguru faz do discípulo outro Guru como ele, a pedra filosofal não tem o poder de converter uma peça de ferro em outra pedra filosofal como ela. Portanto, o Sadguru é incomparável e transcende até mesmo o mundo em glória.

2. Pela fragrância que emana da árvore de sândalo todas as outras árvores ao redor também se tornam dotadas de fragrância, e aquelas árvores também eliminam completamente o tormento, causado pelo calor, de todos os seres humanos que se abrigam debaixo delas. Assim também os discípulos que, por sua sorte, obtiveram o Autoconhecimento do Sadguru e que são cheios de compaixão erradicam completamente, por meio de seus conselhos e ensinamentos, os três tipos de sofrimento e os três tipos de pecado² daqueles que se aproximam deles.

3. Brahman é expresso de duas maneiras nos Vedas. Na primeira parte dos Vedas, conhecida como Karmakanda, que descreve os rituais a serem realizados pelas pessoas que buscam vários objetivos, como riqueza, progênie e céu, Brahman é considerado como associado ao adjunto limitante (upadhi) na forma do corpo sutil. Essa é a alma que transmigra, conhecida como Jivatma. Na segunda parte dos Vedas, conhecida como Jnana kanda, que consiste nas Upanishads, fala-se do Brahman puro, desprovido de todos os adjuntos limitantes. Das Upanishads, um buscador que adquiriu a aptidão necessária obtém primeiramente a percepção de que ele não é o complexo corpo-mente, mas o puro Brahman. Depois disso, ele percebe que o universo inteiro na realidade não é nada além de Brahman.

4. O Eu (Atma), que é da natureza da senciência, da consciência e da bem-aventurança, é bem conhecido porque é experienciado em todos os três estados de vigília, sonho e sono profundo. Ele é o que faz funcionar o corpo, a mente e os órgãos. Apesar de saber isso claramente, é uma maravilha que o homem, por causa da ilusão causada por Avidya (ou ignorância de sua natureza real), considere o seu próprio corpo, bem como o dos outros, que é composto

¹ [Eu traduzi aqui apenas os cento e um slokas, veja a versão completa com comentários (em inglês) em <http://elmsattva-nonduality.blogspot.com/2013/02/adi-sankaracharyas-sata-sloki.html>. – E. M.]

² Os três tipos de sofrimento são: os provenientes do corpo e da mente, como doenças e preocupações; os causados por animais, etc. e os causados por calamidades naturais como inundações, terremotos, etc. Os três tipos de pecado são aqueles cometidos pela mente, fala e corpo.

externamente de ossos, músculos, ossos, medula, carne, sangue, membranas, pele e linfa e que é preenchido por dentro com fezes, urina e fleuma, como o Eu e identifique o seu corpo perecível com ele mesmo.

5. Nesse mundo, as pessoas consideram os seus próprios corpos, suas esposas, filhos, amigos, empregados e posses, tais como cavalos e bois, como a única fonte de toda a sua felicidade. Elas passam toda a sua vida apenas pensando nos meios de proteger e nutrir todos esses. Elas nunca pensam naquele Eu (Atma), o Senhor imortal de toda a vida, por causa de quem eles estão vivos e são capazes de atuar como seres conscientes e a quem eles devem toda a sua boa sorte.

6. Certo bicho-da-seda, se achando muito sábio, constrói um envoltório em torno de si para proteção com o fio que sai de sua boca e permanece nele por toda a vida, sempre ativo em tentar realizar o que ele quer (pouco percebendo que o envoltório em si acabará sendo a causa de sua destruição quando for levado junto com o verme por alguém que queira fazer seda dele). Da mesma forma, o homem, tendo adquirido um corpo grosseiro (físico) como resultado do karma acumulado por ele por suas ações em vidas passadas, permanece apegado àquele corpo, identificando-se com ele, e se engaja em mais ações que somente resultarão em perpetuar a sua escravidão.

7. Um homem que, para ganhar seu sustento, entretém as pessoas pintando o seu corpo para fazê-lo parecer um tigre e assusta crianças crédulas por sua aparência não acha realmente que ele seja um tigre e não come nem ataca homens e animais. Um homem que se veste de mulher para desempenhar um papel feminino numa performance dramática não começa a pensar em si mesmo como uma mulher e não procura um marido. Ambos estão sempre conscientes do que realmente são, embora possam assumir externamente a aparência de um tigre ou de uma mulher. Assim também, todos devem perceber que o corpo físico é apenas um traje no qual o Atma ou o eu individual está disfarçado. O Atma é conhecido pela experiência como sendo diferente do corpo e é uma mera testemunha de todas as atividades do corpo. Sendo uma mera testemunha, o Atma não participa das ações realizadas pelo corpo e não é nem um pouco afetado pelos resultados de tais ações.

8. Para confortar o filho que chora (por causa de alguma dor no corpo) a mãe coloca em sua boca uma uva seca, uma tâmara, um pedaço de manga madura ou um pedaço de banana madura. (A ideia é confortar a criança temporariamente para que ela possa tomar de bom grado o remédio a ser administrado para remover a causa da dor. A intenção da mãe não é alimentar a criança com passas, tâmara, etc., o que não vai curar o filho de sua aflição, mas só pode agravá-la). Do mesmo modo, as Upanishads adotam vários meios para transmitir o conhecimento do Eu para o homem ignorante, cuja mente está cheia de vasanas ou impressões deixadas por ações executadas em incontáveis vidas passadas sob a identificação errônea com o complexo corpo-mente.

9. O próprio corpo, esposa, filho, posses e coisas semelhantes só se tornam queridos por amor ao próprio eu. Segue-se, portanto, que o eu é o que é amado mais do que qualquer outra coisa. Tudo o que não é o eu, como esposa, filho e outros, é a causa de tristeza. Portanto, como esses podem ser realmente

objetos de desejo? Uma pessoa que quer salvar a sua própria vida quando está em perigo (ou que quer que as coisas sejam do seu próprio jeito na vida) pode até estar preparada para abandonar sua esposa, filho e outros (quando eles agem de uma maneira que ele não gosta). Aquele que deseja a mais alta conquista para si mesmo, ou seja, a libertação, deve abandonar até mesmo o (seu apego ao) corpo. O sábio deve meditar só no eu e não se apegar a nada mais.

10. Um objeto (ou uma pessoa) é apreciado apenas enquanto dá felicidade. Quando o mesmo objeto produz tristeza, ele não é estimado. O mesmo objeto não pode dar felicidade o tempo todo, nem pode ser sempre uma causa de tristeza. O que foi apreciado anteriormente pode se tornar o objeto de antipatia posteriormente e vice-versa. Uma vez que (como afirmado no verso anterior) todo objeto é apreciado apenas por causa do eu, só o eu é sempre amado.

11. Há dois caminhos abertos para o homem nesse mundo, o caminho que leva à realização dos desejos mundanos e o caminho para a libertação. O primeiro, a satisfação dos desejos, é a única fonte de toda tristeza e se torna insípido em pouco tempo. Apenas as pessoas que carecem de discernimento seguem esse caminho. O outro caminho leva à obtenção de Brahman, a fonte imperecível de Bem-aventurança infinita. Os sábios de discernimento recorrem a esse caminho. Isso é assim afirmado na Kathopanishad, que consiste em seis seções.

12. Aquele aspirante à libertação que, quando envolvido em atividades no mundo, se considera como uma onda no oceano que é Brahman, quando apenas sentado pensa em si mesmo como uma gema encordoada no fio que é Brahman (como pérolas em um cordão), quando experimentando os objetos dos sentidos através dos órgãos dos sentidos vê todos os objetos somente como Brahman (ou Atman), e quando adormecido se considera imerso no oceano de bem-aventurança que é Brahman e passa os seus dias dessa maneira é aquele que está estabelecido no Eu interno que não é outro senão Brahman.

13. A pessoa que, tendo obtido primeiro, do Guru e das escrituras, o conhecimento mediano (intelectual) do que o Eu, como o Sol, não é nem o fazedor de ações nem o desfrutador dos resultados delas, e realiza o mesmo como uma experiência real, vê todo esse universo constituído de nomes e formas como o corpo grosseiro do Eu ou Brahman. Ele percebe ainda que é só por causa desse Eu que habita em todo ser vivo e que está além dos ares vitais e dos órgãos dos sentidos que todas as criaturas são capazes de atuar como seres conscientes, e que todas as experiências através dos órgãos dos sentidos são possíveis somente por causa desse Eu. Tal pessoa tem sua mente sempre fixa no Eu Supremo enquanto age no mundo.

14. O pré-requisito essencial para o alvorecer do conhecimento do Eu é o desapego. Esse é de dois tipos, de acordo com os Yoga Sutras do Sábio Patanjali, ou seja, o desapego inferior e o desapego superior. O primeiro surge como resultado da percepção de que o apego à própria casa, aos amigos, ao filho, às posses e afins culmina apenas em tristeza. O segundo tipo de desapego surge do discernimento entre o que é eterno, ou seja, o Atma, e o que é perecível,

ou seja, o complexo corpo-mente. Quando esse desapego superior surge, todos os objetos e prazeres mundanos se tornam tão repulsivos quanto vômito. Aquele que obteve o controle sobre a mente como resultado de tal desapego está apto a renunciar ao mundo. Essa renúncia não significa apenas deixar sua casa, mas também abandonar o apego ao seu corpo.

15. Uma pessoa que percebeu que as noções de 'eu-ismo' no corpo (identificação de si mesmo com o corpo) e 'meu-ismo' em pessoas e coisas relacionadas com ela são a causa real de toda a tristeza não procura obter a felicidade a partir dos objetos externos que só trazem tristeza. Aquele que olha para o corpo perecível como ele mesmo sofre por causa de doenças do corpo e de ações adversas de outros (que afetam apenas o corpo e não o Eu). Tal pessoa considera a perda de sua esposa, filho ou riqueza como uma calamidade muito grande, mas permanece inalterada quando seu inimigo morre.

16. Um indivíduo que chegou como um convidado em outra casa e que pretende voltar para a sua própria casa muito em breve não é afetado indevidamente pelo que acontece na casa à qual ele veio como convidado. Assim também, uma pessoa que, embora viva em sua própria casa, está livre de todo apego, não participa das alegrias e tristezas naquele lar, percebendo que tudo nesse mundo é transitório e está sujeito a mudanças perpétuas, como as nuvens, e que o que está destinado a acontecer acontecerá. Ele, portanto, permanece livre de todo esforço para obter o que é agradável e evitar o que é desagradável.

17. Assim como uma cobra descarta sua pele e vai embora, o aspirante deve deixar o lar, livrando-se do apego à família e às posses. Assim como um viajante recorre à sombra das árvores em seu caminho para um breve descanso e prossegue em sua jornada, o aspirante pode permanecer no corpo (sem apego a ele). Ele deve procurar como alimento apenas as frutas que caíram de suas próprias árvores e deve comer apenas o suficiente para satisfazer sua fome. Para alcançar a união com o seu Eu que é a bem-aventurança em si, ele deve abandonar completamente a identificação com seu complexo corpo-mente.

18. A princípio, o desejo por objetos dos sentidos surge na mente dos seres humanos. Então a mente deseja obter esses objetos. Ela tenta experimentar o objeto desejado através do órgão apropriado de sentido ou ação. Se ela não conseguir obter o objeto desejado, a raiva surge. Se o objeto é alcançado, o desejo intenso de protegê-lo de ser perdido, que é conhecido como ganância, surge. Esses três, desejo, raiva e ganância são a causa da queda espiritual do homem. O sábio deve se livrar desses três concentrando a sua mente no Eu (e não permitindo que ela vá em busca de prazeres dos sentidos).

19. Nesse contexto, o que é dado a um recebedor merecedor, com a atitude de que é uma oferenda ao Senhor, é chamado de doação. Ausência de raiva, mesmo quando afrontado, é tolerância. A firme convicção de que os ensinamentos das escrituras e de seu Guru são verdadeiros é o que é chamado de fé. Só o eterno e imutável Brahman é real. Os quatro obstáculos no caminho de um aspirante espiritual são os opostos desses, a saber: ganância, ira, falta de fé e visão do mundo como real. Esses quatro são a causa da escravidão do homem. O homem pode atravessar esses quatro obstáculos pela prática de seus

opostos, ou seja, caridade, tolerância, fé e considerar apenas Brahman como real no sentido absoluto. Tal pessoa pode alcançar o céu ou a união com os deuses refulgentes ou mesmo a libertação eterna do Samsara nesse mesmo nascimento.

20. Quando alguém só se alimenta depois de ter oferecido aos deuses e aos convidados, aquele alimento se torna néctar para ele. Do contrário, o alimento ingerido é inútil (não leva ao seu progresso espiritual). Para aquele que prepara comida só para seu consumo, aquele alimento é a morte. Nesse mundo, o homem que come sem oferecer aos deuses e convidados se torna a personificação do pecado. O homem que não oferece comida como uma oblação aos Pranas, conforme prescrito nas escrituras, também se torna a personificação do pecado.

21. Só aquele que dá comida a um mendigo faminto que vem à sua porta procurando alimento é digno de ser chamado de uma pessoa verdadeiramente generosa. Sempre haverá abundância de comida em sua casa em ocasiões auspiciosas, como yajnas, casamentos e assim por diante. Ele não terá nenhum inimigo. Mas uma pessoa que recusa comida para aqueles que o procuram, lhe servem e são amigáveis para com ele não é um amigo de verdade. Alguém estaria inclinado a se afastar em desgosto de uma pessoa tão repreensível.

22. Os Vedas dizem que a manifestação do universo como uma realidade é apenas devido à ignorância do Eu (Brahman) e a negação do universo resulta da realização de Brahman como a única realidade. Essa aparência e negação do universo são comuns a todos os Jivas, até Hiranyagarbha. Quando o nácar à frente não é reconhecido como tal e é erroneamente considerado como prata, é como se o nácar se fundisse na prata, assim como um objeto oferecido ao fogo como uma oblação se torna uno com o fogo. Mas quando o nácar é percebido como tal, a prata desaparece no nácar. Isso também é como se a prata tivesse se transformado em uma oblação no nácar. Da mesma forma, enquanto se está em ignorância, apenas o universo é visto como existente e Brahman permanece oculto. Isso é descrito aqui como Brahman sendo oferecido como uma oblação ao universo. No alvorecer do conhecimento de que Brahman é a única Realidade, o universo é visto como não existente além de Brahman. É como se o universo tivesse se fundido em Brahman ao ser oferecido como uma oblação a ele.

23. Antes da criação, a necessidade não era absolutamente inexistente como a flor no céu. Nem ela existia como uma entidade diferente de Brahman. Mas ela era diferente de ambos, isto é, não era nem inexistente nem existente. (Era indescritível como existente ou inexistente). Antes da criação, o mundo como experimentamos agora não existia. O Virat (corpo grosseiro total) que é a causa dos elementos iniciando com o espaço, também não existia, mas apareceu apenas posteriormente, como a prata aparecendo no nácar. Portanto, como a necessidade (que não é nem existente nem inexistente) pode realmente cobrir Brahman? Ela não pode, assim como a água conjurada pela magia ou a água ilusória em uma miragem não pode realmente cobrir a terra em que ela aparece.

24. O ciclo de repetidos nascimentos e mortes, que é conhecido como escravidão, não é real, mas é apenas atribuído ao Jiva (alma individual) por causa da ignorância da natureza real do Jiva. Se a escravidão não existe realmente, segue-se que a libertação também não é real, porque só pode existir libertação se houver escravidão em primeira instância. Não há noite nem dia no sol. O conceito de noite e dia é baseado apenas no sol ser visto ou não visto. Brahman, que é puro e sem um segundo, existia sem os adjuntos limitantes na forma do ar vital e dos órgãos dos sentidos antes do início da criação (isto é, durante o Pralaya). No início da criação, Brahman, por associação com Maya, apareceu como Hiranyagarbha, o Criador. Esse Hiranyagarbha não é essencialmente diferente de Brahman. O mesmo Brahman tornou-se todos os Jivas por associação com todas as mentes que são todas modificações de Maya. Assim, o Jiva também não é na realidade diferente de Brahman. A diferença aparente se deve apenas ao adjunto limitante na forma da mente, que é apenas uma modificação de Maya e, portanto, não é real no sentido absoluto, mas tem apenas uma realidade empírica.

25. Antes da criação (ou seja, durante o Pralaya), a necessidade existia como uma entidade positiva (não era nem inexistente nem negativa). O universo estava então coberto por Maya que tinha se fundido em Brahman. O universo não sendo manifesto então, ele não podia ser descrito, nem mesmo concebido, assim como a água no leite não pode ser vista separadamente. No fim do Pralaya, quando a nova criação está para começar, a vontade do Criador é estimulada pelas vasanas resultantes das ações contínuas de todos os Jivas durante os ciclos de criação passados. Maya então se transforma como esse mundo de incontáveis nomes e formas, em conformidade com os karmas passados dos Jivas.

26. Essa Maya tem quatro grandes qualidades. Ela é sempre jovem e sempre nova. Ela tem a capacidade de fazer o impossível acontecer. Toda ação empreendida como resultado dessa Maya é doce no começo. Maya esconde o conhecimento sobre Brahman contido nas Srutis. Isvara e Jiva moram nessa Maya como duas aves em uma árvore. O Jiva experimenta objetos externos através dos órgãos dos sentidos e sente felicidade ou tristeza, ao passo que Isvara não é afetado por eles.

27. Isvara é totalmente desapegado. O Jiva, estando imerso no oceano de necessidade, esquece a sua própria natureza real (como Brahman) e vê o mundo de nomes e formas variados como real, embora eles sejam apenas aparências e não tenham realidade separada do Eu (ou Brahman). Mas quando, o seu intelecto tendo se tornado purificado e se livrado dos desejos e suas consequências tais como raiva, ganância, etc., ele retira os seus órgãos sensoriais dos objetos externos e concentra a sua mente no Eu interno, ele realiza a sua natureza como Brahman. Então Maya desiste de seu controle sobre ele e ele também se liberta de Maya. Esse único Eu é descrito pelos sábios como tendo tomado a forma de vários deuses, mas isso é só para os propósitos da porção ritualística dos Vedas. Na realidade, o Eu (Brahman) é apenas um, sem um segundo.

28. O Eu interno, não sendo diferente do Ser Supremo (Brahman), é infinito e, portanto, onipenetrante. Não se pode, portanto, dizer que o Eu interno

entra no útero quando uma criança é concebida. Nem pode ser dito que ele deixa o corpo quando uma pessoa morre. É o corpo sutil, composto pela mente e os órgãos dos sentidos, que entra no corpo físico quando uma criança é concebida e deixa o corpo físico quando uma pessoa morre. O nascimento é a entrada do corpo sutil no corpo físico ou grosseiro e a morte é a partida do corpo sutil do corpo grosseiro. Na morte, o corpo sutil vai para os mundos superiores ou inferiores de acordo com o karma da pessoa. O Eu não assume as características do corpo grosseiro como magreza, firmeza, etc. O corpo sutil, junto com os órgãos dos sentidos (que fazem parte dele) e os samskaras, parte do corpo grosseiro na morte. Depois de permanecer nos mundos superiores ou inferiores, ele volta a esse mundo para assumir outro corpo grosseiro.

29. Há muito tempo atrás um rei chamado Sanathi tinha um sacerdote erudito e capaz chamado Subandhu. Esse sacerdote morreu como resultado de ritos imprecatórios realizados contra ele por alguns brâmanes. O seu corpo sutil foi para a residência de Yama. Seu irmão cantou alguns mantras védicos e trouxe o corpo sutil de volta à terra. Essa história é narrada em um sukta no Rigveda [10.59]. A partir disso, fica claro que é o corpo sutil que deixa o corpo físico na morte e transmigra, e não o Eu interno. (Essa história do karmakanda do Veda apoia ainda mais o que foi dito no verso 28).

30. O único Eu não-dual, que na realidade é desprovido de todo movimento ou ação de qualquer tipo, parece se mover quando a mente se move. Embora o Eu esteja dentro da mente e também em toda a sua volta, sendo onipresente, o olho e outros órgãos dos sentidos não podem conhecê-lo. Assim como a água no oceano parece estar agitada por causa das ondas causadas pelo vento e atinge o seu estado de calma natural quando o vento cessa, o Eu também alcança o seu estado tranquilo natural e imóvel quando a mente se torna calma.

31. O homem mundano que se identifica com seu corpo e órgãos por causa da ignorância sente-se solitário antes de se casar e anseia por uma esposa. Tendo uma esposa, ele deseja ter filhos e riqueza suficiente para manter a si mesmo e sua família. Ele faz todos os esforços ao máximo por causa de sua família. Ele não considera que alguma outra coisa, por mais valiosa que seja, seja superior a esses (esposa, filhos e riqueza), de tão profundamente que ele está apegado a eles. Se ele não obtém nenhum desses ele se considera incompleto. Se ele perde um desses ele considera a sua vida como não cumprida e desperdiçada. Embora vivo, ele é praticamente morto. Ele perde todo o entusiasmo e mergulha no desânimo.

32. A nuvem que parece esconder o sol, que é muito maior do que ela mesma, não existia antes da estação chuvosa e não é vista depois do fim dessa estação. Essa nuvem, que existe apenas entre esses dois períodos, não pode realmente esconder o sol. Ela só obstrui a visão da pessoa que tenta ver o sol. Se a nuvem realmente escondesse o sol, a nuvem em si não seria visível, porque ela se torna visível apenas por causa da luz do sol. Da mesma forma, o universo, que é iluminado e habilitado a funcionar apenas por causa do Eu Supremo, oculta o Eu do intelecto dos seres humanos.

33. Uma pessoa sonha que ela é um rei desfrutando de todo esplendor real. Mas quando acorda ela percebe que o que viu no sonho era tudo falso. Por causa disso, ela não se aflige, pensando: "Eu, um rei, fui privado de meu reino". Mesmo se ela tivesse sonhado que havia cometido atos impróprios, como um relacionamento ilícito, ela não se tornaria uma pecadora. Assim também, se uma pessoa desperta para a Realidade, Brahman, mesmo as ações executadas durante o estado de vigília não a prenderão e elas serão esquecidas, assim como as ações executadas em sonhos.

34. Tudo o que é vivenciado no sonho, seja bom ou ruim, é percebido, ao acordar, como falso. Tudo o que é feito pelo corpo grosseiro no estado de vigília não é encontrado em sonho. Assim, mesmo que tudo o que acontece nesses dois estados se prove falso, é uma pena que o ser humano iludido se apegue a essas falsas coisas, sendo totalmente ignorante desse Eu, a única Realidade, que ilumina ambos esses estados. Nós somos incapazes de entender esse fenômeno estranho (que é causado por Maya).

35. Ao sonhar que um parente, que foi visto no estado de vigília como vivo, morreu, um homem fica abatido, sem razão (no sonho). Mais tarde, ao acordar e descobrir que o mesmo parente está vivo, ele fica feliz. Embora se lembre de tê-lo visto como morto no sonho, ele conversa com ele no estado de vigília quando vê a mesma pessoa viva. Assim, uma pessoa considera o que ela vê no estado de vigília como real porque ele dura por um longo período, e o que é visto no sonho como falso porque ele dura apenas por um curto período.

36. Um homem sonha que está desfrutando do prazer da união com uma mulher. Embora essa união seja irreal, é visto que há emissão do fluido gerador por causa do sonho. Do mesmo modo, esse universo, que surge da necessidade irreal, é visto como real. No sonho o homem é real, mas a mulher bem como a união dos dois são ambas irreais, mas essa causa irreal produz o efeito real da mancha no traje. Da mesma forma, a necessidade irreal (ou Maya, que não pode ser experimentada por nós) produz esse universo que realmente experimentamos e consideramos como real. (A realidade do universo é, no entanto, apenas empírica ou vyaavahaarika e não absoluta ou paaramaarthika).

37. Todo mundo vê o jogo desse Eu todos os dias em sonhos (tudo o que é projetado pela mente no sonho é iluminado pelo Eu). Mas ninguém vê o Eu que joga pelo poder de Maya e sem nenhum órgão. Assim também, ninguém vê o Eu que ilumina todos os objetos e todos os seres encarnados e os torna capazes de atuarem no estado de vigília. Tampouco alguém vê o Eu no estado de sono profundo, embora a bem-aventurança suprema do Eu seja experimentada então. Isso é o mais surpreendente.

38. Se um homem sonha que um mantra lhe foi transmitido por um Guru e que ele o repetiu várias vezes no sonho, então, ao acordar, ele descobrirá que o mantra deu resultado. Se uma pessoa sonha que Deus apareceu diante dela e concedeu Sua graça a ela, ela descobrirá na manhã seguinte que o que ela desejava foi alcançado. Assim, mesmo que o sonho não seja real, ele dá origem a um resultado real no estado de vigília. Igualmente, embora as Upanishads tenham apenas uma realidade empírica e não absoluta, elas dão origem ao conhecimento de Brahman que é absolutamente real. É pela luz da consciência

de Brahman que seres humanos, animais, aves e todos os outros seres vivos que são capazes de se mover, bem como seres estacionários, como plantas e árvores (que também são jivas), têm consciência. Todos os objetos nesse universo, sejam superiores ou inferiores, devem a sua existência apenas a Brahman a quem eles estão sobrepostos.

39. No sono sem sonhos os órgãos como a fala, etc., imergem no ar vital (Prana), que é a fonte de sua manifestação no estado de vigília. Do mesmo modo, quando o fogo se extingue, ele se funde no ar. Quando o sol se põe, ele também se funde no ar. O mesmo acontece com a lua. (Veja Chandogya Upanishad, 4.3). Na Brihadaranyaka Upanishad, 1.5.21, é dito que os órgãos começaram a competir entre si, cada um dizendo que continuaria a trabalhar sem o resto, mas depois de algum tempo todos ficaram cansados. Apenas o Prana, o ar vital, não sentiu cansaço algum. Igualmente, o fogo, o sol, a lua e outras divindades tentaram trabalhar sem descanso, mas eles também ficaram cansados. Só o ar não se cansou de todo. O Ar ou Vayu entre as divindades é o mesmo que o Prana ou ar vital entre os órgãos. O conhecimento obtido através dos órgãos sensoriais pode ser errôneo como a prata vista no nácar. Portanto, a Upanishad diz que, para a realização do Eu, deve-se meditar no Prana e não nos órgãos.

40. O fogo não queima a lenha molhada, mas se a lenha for secada pelo calor da atmosfera no verão então o fogo a queimará. Similarmente, o fogo do autoconhecimento não pode entrar na mente de uma pessoa que está profundamente apegada à sua família, riqueza e posses, mesmo que ela tenha adquirido mérito religioso (punya) considerável pela execução de rituais védicos, por gerar um filho virtuoso e por usar sua riqueza para propósitos nobres. Somente se ela desenvolveu um forte desapego o Autoconhecimento pode surgir em sua mente. Portanto, as escrituras declaram que a aquisição de desapego puro é essencial para uma pessoa que busca a Autorrealização.

41. Tudo nesse mundo, sendo apenas nome e forma, é irreal do ponto de vista absoluto. Todas as coisas parecem ter realidade e funcionam de várias maneiras apenas por causa do substrato, Brahman, ao qual elas estão sobrepostas. Esse universo deve ser coberto por esse Ser supremo, assim como a cobra ilusória é coberta pela corda pelo reconhecimento de que o que está na frente é apenas uma corda (e não uma cobra). Apenas pela renúncia se pode desfrutar da felicidade insuperável de Brahman e assim não se deve cobiçar coisas impermanentes como riqueza e posses.

42. Uma pessoa que anseia por libertação (Mumukshu), que já adquiriu os três pré-requisitos anteriores, torna-se primeiro um Jivanmukta, aquele que é liberto em vida. Depois disso, ele continua no corpo até que o Prarabdhakarma que deu origem ao corpo atual se esgote. Quando o corpo morre ele se torna um Videhamukta. Tanto Jivanmukti quanto Videhamukti são alcançadas apenas pelo olhar compassivo do Guru, pela prática repetida de Asana, Pranayama, etc. e pela meditação constante sobre o Eu. A prática repetida é de dois tipos, pelo corpo e pela mente. Aquela pelo corpo consiste em Asana, Pranayama e Pratyahara. Aquela pela mente consiste em Sama, o controle da mente, Dama, controle dos órgãos dos sentidos, etc. (como explicado em detalhes abaixo).

Audição, reflexão e meditação sobre o Eu, que constituem o Jnanayoga, já foram sugeridos anteriormente (no verso 3).

43. Uma pessoa que obteve pureza mental pelo cumprimento de deveres sem desejar o fruto em vidas passadas é capaz de se livrar de todos os desejos que se enraizaram fortemente em sua mente ao longo de incontáveis vidas. Ela se livra da identificação com seu corpo e a sua mente está sempre fixa no Atma. A sua mente está livre de toda oscilação. Ela desfruta da Bem-aventurança de Brahman como um Jivanmukta. Quando o seu corpo cai após o esgotamento de seu Prarabdhakarma ela se torna um Videhamukta. Alguns buscadores de libertação pensam erroneamente que o caminho para a libertação é através das 'Nadis', que são de diferentes cores.

44. A pessoa que percebeu que o universo inteiro é seu próprio Eu vai além da dor e da ilusão, mesmo enquanto vive nesse mundo, porque ela alcançou Brahman que é puro e a morada de todos os poderes. Ela abandonou a identificação com o complexo corpo-mente, está livre de todo pensamento em objetos externos e está além de punya e papa. Ela é um Jivanmukta, tendo atingido o quarto estado além da vigília, sonho e sono profundo.

45. O Jivatma (alma individual) é o reflexo de Brahman na mente que é composto das partes de Sattva dos cinco elementos sutis. Esse Jivatma é essencialmente sátvico e está associado ao Prana ou força vital, que é o poder de ação (Kriyasakti). Embora o Jivatma esteja envolto pelo corpo, a mente e os órgãos dos sentidos, ele não é, na realidade, maculado pelas características do corpo, como juventude, velhice, etc. (Essas qualidades são erroneamente atribuídas ao Jiva por causa da ignorância de sua real natureza). O Jiva é um ser elevado (visto que é realmente o próprio Brahman) e tem a capacidade de se libertar da aparente escravidão que realmente não existe, mas é erroneamente atribuída a ele. Essa libertação é alcançada pelo indivíduo que tem um intelecto sutil, que concentra a sua mente em Brahman, a única Realidade (por retirar a mente e os sentidos de todos os objetos externos) e que pratica as disciplinas tais como Asana, Pranayama, Pratyahara e Jnanayoga mencionadas no verso 42. A libertação é a realização da identidade entre o Jiva e Brahman pela remoção da identificação com o complexo corpo-mente. Isso é obtido quando a mente assume a forma de Brahman. A mente modificada na forma de Brahman continua até a queda do corpo no esgotamento do Prarabdhakarma. O indivíduo nesse estado é um Jivanmukta. Quando o corpo perece ele se torna um Videhamukta.

46. Aquele que se tornou quase totalmente livre do desejo por objetos dos sentidos, cujos desejos se extinguíram, sempre anseia apenas pelo Atma, cuja obtenção resultaria em sua experiência da Bem-aventurança infinita de Brahman. Ao atingir o Atma ele se torna realizado. Depois disso, ele continua no corpo como um Jivanmukta, aquele que está livre mesmo enquanto vive nessa terra, até que o seu Prarabdhakarma se esgote, quando o seu corpo cai. Após a queda do corpo grosseiro os seus órgãos não partem para nenhum outro mundo (como no caso daqueles que ainda estão na ignorância). Os órgãos tornam-se unidos no corpo sutil e o corpo sutil se funde em sua causa, o Eu (veja o Bhasya sobre a Br. Up., 3.2.11 e 4.4.7). Depois disso, onde está esse Jiva? Não resta

nenhuma entidade como Jiva. Ele permanece fundido no Brahman Infinito, assim como o sal dissolvido na água se torna uno com a água.

47. Quando a água do mar é aquecida, a água evapora e resta uma massa sólida, a qual é conhecida pelo nome de "sal". Se esse sal é jogado de volta na água ele se dissolve e se funde com a água, perdendo seu nome e forma. Similarmente, uma pessoa que realizou que ela é o Eu (Brahman) se torna uma com Brahman, abandonando seu nome e forma quando seu corpo morre e ela se torna um Videhamukta. Então a sua mente se funde na lua, a fala no fogo, os olhos no sol, o sangue e a semente na água e os ouvidos nos quadrantes.

48. A presença de ghee no leite é conhecida pela doçura do leite. Essa ghee é diferente do leite embora esteja dentro do leite. Da mesma forma, a presença do Brahman ou do Eu em todas as criaturas é conhecida pelo fato de que as criaturas são capazes de realizar atividades. Esse Brahman, que é diferente das criaturas, é o lugar de descanso de todas as criaturas que estão fatigadas pelas atividades nos estados de vigília e sonho. (No sono profundo todos os seres se unem ao Eu e estão livres de todas as tristezas dos outros dois estados, como declarado na Chandogya Upanishad, 6.8.1 e 6.8.2). O homem de realização, tendo atingido Brahman, considera tudo mais como insignificante. Não há medo em Brahman. Brahman é pura Bem-aventurança concentrada. Saiba que Brahman, que brilha na cavidade do intelecto, é imortal. Tudo exceto Brahman é perecível.

49. Uma grande peça de tecido multicolorido é feita de fios de cores diferentes. Embora, sob uma visão superficial, o tecido pareça ter uma existência própria, ficará claro para quem ponderar sobre a natureza real dele que o tecido não é nada além dos fios com os quais ele foi tecido. Do mesmo modo, esse universo grosseiro, conhecido como Virat, composto de formas variadas tais como montanhas, cidades, seres humanos, aldeias, animais e muitos outros seres e coisas é entremeado ou permeado pelo Sutratma ou Hiranyagarbha, o macrocosmo de todos os corpos sutis. Esse Sutratma é tecido no éter imanifesto, que, por sua vez, é tecido em Brahman.

50. Brahman, refletido nos intelectos de vários corpos como aqueles de seres humanos, animais, aves, etc., assume essas formas. A pessoa refletida na água aparece como duas, a original e o reflexo. Similarmente, o único Ser Supremo (Brahman) assume, por Seu poder de Maya, inúmeras formas por estar refletido em incontáveis intelectos. Assim diz a Br. Up. em 2.5.19. O Brahman onipenetrante (e não-dual) aparece, inescrutavelmente, devido à Maya, como o Jiva, por ser refletido no adjunto limitante (upadhi) na forma do intelecto que, sendo constituído apenas de Sattva, é puro e assim capaz de refletir o Brahman.

51. Os homens de realização percebem que o Jiva, que é um reflexo de Brahman no intelecto sutil, está nas garras da Maya do Senhor supremamente poderoso. A natureza do reflexo de Brahman, isto é, a natureza de um determinado Jiva, depende da natureza de seu intelecto (ou mente), assim como o reflexo de um rosto em um espelho varia conforme o espelho é convexo ou côncavo, limpo ou coberto de sujeira, fixo ou móvel. Mas, assim como o rosto em si não é afetado pela natureza do espelho, assim também Brahman não é

nem um pouco afetado pela natureza do meio reflexivo, a mente, e permanece sempre o mesmo e imutável.

52. O único sol no céu, quando refletido em diferentes receptáculos de água, aparece como muitos e como parado ou em movimento, conforme o meio refletivo é fixo ou móvel. Similarmente, o único Ser Supremo, Brahman, refletido nos intelectos de diferentes criaturas superiores e inferiores, parece ter assumido as características dessas criaturas, mas, na realidade, Brahman não é de todo afetado por elas e é realizado como apenas único e imutável pelos iluminados.

53. A lua (que é opaca) se torna luminosa pelos raios do sol que caem sobre ela e remove a densa escuridão da noite. Um sino de metal brilhante, no qual os raios do sol entrando por uma fenda no telhado caem, remove a escuridão dentro da casa. Da mesma forma, o intelecto no qual os raios de consciência do Eu caem ilumina todos os objetos através dos órgãos dos sentidos e permite que os órgãos dos sentidos os experimentem.

54. O céu, quando refletido em um reservatório de água, aparece como triplo, ou seja, como o céu limitado pela água, como o céu refletido na água e como o céu que permeia tudo. Similarmente, Brahman aparece como triplo, como o Brahman onipenetrante, como seu reflexo no intelecto e como limitado pelo intelecto. Quando o Brahman limitado pelo intelecto, que é o Jiva, e o Brahman onipenetrante são realizados como um e o mesmo, a necedade, que fez o Jiva e o Brahman parecerem diferentes um do outro, é destruída junto com seus efeitos, o Samsara e os sofrimentos consequentes.

55. Várias marionetes são manipuladas simultaneamente por meio de fios ligados a elas e feitas executarem várias atividades, como cantar, dançar, andar, falar, etc. A pessoa que as manipula permanece por trás da cena e não pode ser vista pelas pessoas que assistem ao show de marionetes. Do mesmo modo, esse universo que consiste nos mundos chamados Bhuh, Bhuvah, Suvah e Mahah, que é conhecido como Virat, é ativado pelo Hiranyagarbha, também conhecido como Sutratma, dotado de glória inescrutável, que permeia o Virat. Esse Sutratma faz com que todas as criaturas do universo experimentem as consequências de seu karma passado.

56. No Vedanta, a realidade é definida como aquilo que permanece absolutamente inalterado em todos os três períodos de tempo. Brahman, no qual o Prana (ar vital), os quadrantes, o espaço e tudo mais imerge (na época de Pralaya) é descrito como a realidade da realidade na Brihadaranyaka Upanishad (por reconhecer dois níveis de realidade, ou seja, empírica e absoluta, como será explicado abaixo). Não há nada mais igual, superior ou maior que esse Brahman. É por isso que ele é conhecido como a realidade da realidade. Brahman visto como aparentemente limitado pelo universo composto dos elementos com forma, ou seja, fogo, água e terra e aqueles sem forma, ou seja, ar e espaço, é conhecido como realidade empírica. O puro Brahman incondicionado, que é a realidade absoluta, é a realidade dessa realidade empírica.

57. Sabemos por experiência que coisas como prata, cobra e água, que na verdade não existem, às vezes parecem reais. Também é bem conhecido que tais coisas aparecem apenas quando há um substrato como nácar, corda ou

deserto e que essas aparências acabam quando o substrato é conhecido. Assim como esses parecem reais, todo esse universo, que também é irreal, aparece no substrato, Brahman, que é descrito como a verdade da verdade. Porque o universo aparece como se fosse real, ele é descrito como verdade (satyam).

58. O espaço, que acomoda tudo nesse universo, está ele próprio acomodado em sua totalidade no Brahman infinito. Todos os quadrantes que se estendem indefinidamente em todas as direções também estão dentro de Brahman. O tempo, como calculado por nós, constitui apenas uma pequena fração de Brahman, que existia antes que o tempo viesse a existir e existirá mesmo depois que o tempo chegar ao fim. Brahman está, portanto, além da limitação do tempo. Assim, Brahman é infinito tanto no espaço quanto no tempo. Antes da criação do universo, só Brahman existia. No início da criação Brahman se manifestou como Hiranyagarbha ou todos os corpos sutis, e então como Virat ou todos os corpos grosseiros. Hiranyagarbha, sendo mais sutil que Virat, permeia Virat e é, portanto, descrito como maior que Virat. Brahman, no qual Hiranyagarbha e Virat aparecem por causa da Avidya ou needade sem começo, os permeia, sendo infinito. Já que Brahman permeia todos os corpos sutis e grosseiros (Hiranyagarbha e Virat), segue-se que ele não é limitado por nenhum objeto, sutil ou grosseiro. Assim, é revelado nesse verso por implicação que Brahman está livre de todas as três limitações, ou seja, de espaço, tempo e objetos. Uma ilustração é dada para explicar isso. O oceano é muito grande em tamanho e cheio de água. Mas o seu tamanho não é nada comparado às águas do Pralaya que cercam o universo inteiro pela fusão de todos os sete mares.

59. Assim como a mesma água da chuva nutre todas as plantas e produz nelas muitos sabores, fragrâncias e potências diferentes, assim o mesmo Eu que habita em todos os seres assume as diferentes características desses seres. É na mera presença desse Eu interno que a terra sustenta tudo sobre ela, as nuvens derramam chuva abundante e o fogo cozinha e queima.

60. O sábio deve chegar à convicção de que é o seu próprio Atma que habita em todos os seres vivos e deve, além disso, ver toda a criação sobreposta ao seu próprio Atma. Ele deve realizar que tudo nesse universo não é diferente do seu Atma, assim como as ondas no oceano não são diferentes da água. Brahman é um, sem nenhum segundo da mesma espécie ou de qualquer outra espécie. Brahman é homogêneo, sem diferenças internas. Aquele que considera esse universo de nomes e formas variados como tendo existência real em Brahman vai da morte para a morte, dizem as Srutis. Isto é, ele nasce e morre repetidamente.

61. Embora todos saibam que o espaço existe antes e depois de um pote específico ser feito, ainda assim é erroneamente imaginado por todos que o espaço dentro do pote passa a existir apenas quando o pote é feito, que o espaço interno é destruído quando o pote é destruído, que quando o pote é movido de um lugar para outro o espaço interno também se move junto com ele e que o espaço assume a forma e o tamanho do pote. Da mesma forma, embora o Eu exista sempre e seja onipresente, as pessoas pensam erroneamente que ele surge quando o universo passa a existir, que ele deixa de existir quando o universo é dissolvido, e assim por diante.

62. Uma bola de jagra é a própria doçura em cada partícula dela. Uma placa de cânfora é cheia de fragrância em cada pedacinho. Do mesmo modo, esse vasto mundo, atrativo com árvores, montanhas, cidades, jardins e templos, que não tem realidade própria, é visto como existente e senciente apenas por ser permeado pelo substrato, o Eu, que é só Existência e Consciência pura (assim como o jagra é a doçura em si e a cânfora a fragrância).

63. Quando um tambor é batido ou um instrumento como a veena é tocado, não se é capaz de compreender as notas específicas por si só, mas se conhece as notas específicas somente no fundo da nota geral. Similarmente, esse universo, que é uma modificação de Maya, nunca é experimentado separadamente, mas aparece apenas junto com Brahman ou consciência pura. Esse universo é só uma aparência e não tem realidade nem mesmo quando é experimentado. Quando, no alvorecer do conhecimento, for percebido que esse Brahman é o eu interno e que ele é a única realidade, saber-se-á que nada além de Brahman é real.

64. Uma pessoa que obteve o conhecimento correto (das escrituras e de seu Guru) e percebeu diretamente que o seu eu interno é a única consciência imutável pura, o Senhor de todo o universo, que é onipenetrante como o espaço e que é o eu interno de todos os seres, e que o universo inteiro não tem realidade à parte de Brahman e é uma mera aparência e assim se torna livre de todo desejo nessa vida, deve permanecer sempre estabelecida na contemplação de sua identidade com o Brahman puro e não dual.

65. Indra, o ser ou desfrutador, que está no olho direito, e sua esposa Indrani, que representa a matéria ou os objetos de prazer e está no olho esquerdo, segundo a Br. Up., 4.2.2 e 4.2.3, estão juntos no espaço dentro do coração no estado de sonho. No fim de seu prazer, o estado de sono profundo (sushupti) vem em seguida. Esse estado é conhecido nas Upanishads como 'Anandamayakosa'. Nesse estado, o Jiva experimenta bem-aventurança suprema, que está além da descrição. Não há experiência de nenhum objeto então. Uma pessoa que está em sono profundo e desfrutando de bem-aventurança não deve ser acordada repentinamente. Se ela for acordada, a Br. Up. diz que os seus órgãos dos sentidos podem não voltar para os seus respectivos lugares no corpo e isso causará grande desgraça a ela.

66. No sono profundo, todos os seres vivos se fundem em Brahman e desfrutam de bem-aventurança. Essa mesma bem-aventurança suprema pode ser desfrutada sempre (e não só no sono profundo) se uma pessoa realiza a sua identidade com Brahman, que é o protetor de todos os órgãos dos sentidos e o benfeitor de todos os seres, tanto dentro quanto fora do corpo. Sendo assim, aquele que está sempre envolvido apenas em atividades externas para ganhar a vida e comete atos pecaminosos, sempre desejando apenas desfrutar de prazeres através de seus órgãos de tato, visão, audição, olfato e paladar, colherá apenas angústia e ilusão.

67. O Jivatma se esforça de diferentes maneiras para obter os prazeres dos sentidos no estado de vigília. Quando, no fim, os seus órgãos estão totalmente fatigados, ele esquece a felicidade que ele assim obteve e vai dormir em sua própria natureza real para descansar. Fica claro a partir disso que a bem-

aventurança da própria natureza real, que é obtida com muito mais facilidade e que não vem através dos órgãos dos sentidos, é muito superior a toda a felicidade adquirida pelo esforço dos vários órgãos, que afinal se torna insípido.

68. Uma ave gera vento batendo as suas asas e com a ajuda desse vento ela se eleva ao céu. Lá ela estica as asas e voa (em direção ao seu ninho), impulsionada pelo vento forte. Assim ela se livra da fadiga. Da mesma forma, o ser humano, angustiado e atormentado por maus pensamentos, fantasia e deseja por objetos dos sentidos, estica suas mãos e pés e dorme por um longo tempo para se livrar da fadiga.

69. Um homem luxurioso, ao voltar para casa depois de uma longa estada em outro lugar, e dando um abraço apertado em sua esposa, se sente absolutamente feliz e não está ciente de nada externo, como "Isso é algo diferente de mim mesmo," nem nada interno, como, "Eu sou fulano de tal, feliz ou infeliz." Do mesmo modo, o Jivatma, que se torna uno com Brahman ou Paramatma no estado de sono profundo, desfruta de bem-aventurança e permanece intocado por todas as atividades mundanas e seus resultados na forma de mérito e pecado, e é livre de aflição, ilusão e medo. Nesse estado, o Jiva esquece esse mundo que é caracterizado por diferenças e semelhanças e relações de todos os tipos.

70. A dissolução de todos os objetos, sutis e grosseiros, a dormência de todos os órgãos e da mente, a experiência de felicidade – esses três são comuns aos estados de Jivanmukti (libertação da vida) e sushupti ou sono profundo. Mas há uma diferença entre esses dois estados. Aquele que está adormecido volta ao estado de vigília por causa dos efeitos de seu karma passado, mas aquele que se libertou pela obtenção de autoconhecimento não retorna ao estado de escravidão, porque todo o seu karma passado e seus efeitos (exceto o Prarabdhakarma) foram destruídos pelo conhecimento. (Embora ele continue no corpo até o esgotamento do Prarabdhakarma, não há escravidão para ele).

71. Suponha que há um rei que é dotado de todas as habilidades e prosperidade – está no auge da vida, é bom, erudito, de constituição forte e muito enérgico e é o governante do mundo inteiro cheio de riquezas. A felicidade que ele desfruta pode ser tomada como uma unidade de felicidade. Cem vezes essa é a felicidade dos manes que conquistaram aquele mundo pela realização dos ritos prescritos. Cem vezes essa é a felicidade dos menestréis celestes. Cem vezes, novamente, é a felicidade daqueles que se tornam deuses através da execução dos ritos prescritos nos Vedas. Cem vezes essa é a felicidade dos deuses por nascimento. Cem vezes essa é a felicidade de Prajapati. Cem vezes essa é a felicidade de Hiranyagarbha. Todas essas alegrias, que são todas derivadas de objetos dos sentidos e são limitadas, constituem apenas partículas da bem-aventurança de Brahman que é infinita e que é a única que existe de fato.

72. Nessa bem-aventurança de Brahman, as alegrias dos seres humanos, dos manes, daqueles que nascem no céu como deuses e daqueles que se tornam deuses pela realização de ritos védicos estão todas incluídas, ao atingir a qual todos os desejos de todos os seres são realizados e que é o estado de libertação por causa da dissolução de todos os mundos. Ó Ser Supremo na

forma da lua, torne-me eterno e imortal naquele Brahman que é puro êxtase concentrado. Derrame uma torrente de néctar para o Jiva, o senhor dos órgãos dos sentidos que está no chakra Ajna entre as duas sobrancelhas – assim dizem os Vedas.

73. O Eu é imutável e é da natureza da bem-aventurança suprema. O não-Eu ou Maya é exatamente o oposto, sempre agitado e miserável. A mente, que é o adjunto limitante do Eu, assume a firmeza e a bem-aventurança do Eu ou a agitação e a miséria de Maya, dependendo da circunstância. Quando a mente é tomada pelo desejo por algum objeto, ela permanece agitada e a agitação dá origem à miséria. Quando o objeto desejado é alcançado, a mente se torna calma e estável e então a bem-aventurança do Eu é experimentada. A felicidade que vem dos objetos dos sentidos dessa maneira continua apenas enquanto a mente permanece calma e firme, isto é, até que a mente seja novamente agitada por algum outro desejo.

74. A felicidade resultante da união física dura apenas enquanto a mente está absorta nela, isto é, apenas por um período muito curto. A felicidade desfrutada no estado de sono profundo dura enquanto o sono profundo continua. A felicidade no estado de libertação (Jivanmukti) é permanente, porque a mente de um Jivanmukta está sempre calma. Portanto, segue-se que a felicidade e a calma da mente sempre andam juntas. Disso fica claro que qualquer felicidade experimentada a qualquer momento é apenas uma partícula, ou uma manifestação, da bem-aventurança eterna do Eu e que essa felicidade se manifesta apenas quando a mente está calma.

75. A mente, ficando fatigada pelas atividades do mundo externo durante o estado de vigília, se retira de todas as atividades e deseja se unir ao Eu. Nesse estágio ocorre o estado de sonho, no qual a mente projeta vários objetos, com base nas impressões acumuladas durante o estado de vigília. Então, inclinando-se unicamente para a obtenção do Eu, ela abandona completamente todas as experiências do estado de sonho e, tornando-se quiescente, obtém repouso absoluto no Eu.

76. Durante um sonho, quando o corpo físico está deitado imóvel, como pode haver a experiência de alegria, tristeza, etc., por meio daquele corpo? Se é dito que um novo corpo que é capaz de atividade e de experimentar alegrias e tristezas passa a existir no sonho, tal alegação não é aceitável porque os materiais para formar um novo corpo não estão disponíveis lá. Se, para superar essa dificuldade, se alega que um novo corpo é invocado pela mente, então surge a pergunta: como é que o fluido gerador emitido como resultado da união com uma mulher em sonho por meio de tal corpo conjurado é encontrado no corpo físico que esteve deitado imóvel durante o sonho e é diferente do corpo de sonho? [Essa objeção é respondida no verso seguinte.]

77. Quando uma pessoa vê algo assustador em um sonho, como um animal selvagem ou um ladrão armado prestes a atacá-lo, ela grita alto. Às vezes uma pessoa fala ou ri no sono por causa de algum sonho. O choro, conversa e risada são feitos obviamente pelo corpo físico. Fica claro a partir disso que o indivíduo não rompe a conexão com o corpo físico durante o sonho, mesmo estando imóvel. No sonho, o sonhador vê a si mesmo como tendo corpo e

experimentando e fazendo várias coisas. Todos os objetos experimentados por ele no sonho são as criações de sua própria mente, e esses são criados a partir das impressões deixadas pelos objetos experimentados durante o estado de vigília.

78. O estado de sonho, que está entre os estados de vigília e sono profundo, é conhecido por todos pela experiência. Ele é conhecido como o segundo estado. Nesse estado, o Jiva recolhe todos os órgãos sensoriais em si mesmo e permanece como autorrefulgente. O Eu, a testemunha de tudo o que é experimentado no sonho, ilumina, por sua própria luz, tudo o que é visto no sonho, que são todos criados por impressões passadas. No sonho, ele vê objetos desejados por ele e vai para os lugares desejados, enquanto o corpo físico fica imóvel na cama.

79. O Jivatma protege, por meio da força vital, o corpo que jaz como se estivesse sem vida na cama no estado de sonho, para que ele não possa se tornar apto apenas para ser comido por cães e outros animais. Os Pranas executam meramente a função de respirar nesse estado. Pelo poder das vasanas na mente, o Jivatma cria cavalos, carros, rios, lagoas, muitos lugares de diversão, amigos, mulheres, filhos, benquerentes e servos.

80. Em sonhos, o Jiva cria elefantes, tigres, ladrões, inimigos, cobras, macacos, etc. Ele se diverte com mulheres, ri, desfruta, come comida saborosa, ou acha que ele se tornou um proscrito e se esquia envergonhado de seus parentes e amigos. Ele foge, assustado com a visão de tigres e outros animais selvagens e grita alto como se tivesse caído nas garras de um animal selvagem.

81. Quando o nácar à frente não é reconhecido como tal, ele é confundido com prata. Os raios do sol caindo na areia criam a ilusão de água. Uma corda é confundida com uma cobra na penumbra. Essas aparências duram apenas por um curto período de tempo, até que o substrato seja conhecido. A aparência da prata causa alegria e a aparência da cobra dá origem ao medo, mas todas essas aparências são claramente falsas. A prata, a água e a cobra são criadas apenas quando são vistas. Da mesma forma, os múltiplos nomes e formas que vemos aparecem apenas porque o substrato, o Eu, não é conhecido. Eles também causam emoções como alegria, tristeza e medo. Eles são criados apenas quando são percebidos. Eles não têm existência real além do substrato, o Eu.

82. Visto que Eu sou o substrato para a sobreposição do universo por Maya, todo esse universo é produzido por mim. Portanto todas essas criaturas estão em mim, mas Eu não estou nelas. Embora a prata (ilusória) apareça no nácar, não há vestígio de nácar na prata. (O objeto sobreposto aparece no substrato, mas não podemos dizer que o substrato está contido no objeto sobreposto). Mas, na realidade, essas criaturas não habitam em mim (porque elas não têm existência real e são apenas a criação de Maya). Assim disse o Senhor Krishna, o Guru do universo [na Bhagavad Gita, 9.4-5]. Portanto, todas as coisas percebidas são apenas como objetos conjurados pela magia e, portanto, irrealis.

83. O homem ignorante e iludido, não percebendo que o seu próprio karma passado é a causa de suas alegrias e tristezas, acredita erroneamente

que seus amigos são a fonte de suas alegrias e seus inimigos a fonte de suas tristezas. Para remover essa noção errônea, os sábios Yajnavalkya e Artabhaga declararam no palácio do rei Janaka que só o Karma de uma pessoa é a causa de suas alegrias, tristezas e repetidos nascimentos. Eles louvaram o poder do Karma. O Senhor Krishna, o grande ornamento da linhagem Yadava, disse na Gita que ninguém pode permanecer inativo nem por um momento. [Esse verso é baseado na Br. Up. 3.2.13 e Gita 3.5.]

84. Para cortar uma árvore, um machado é o instrumento, mas ele tem que ser erguido por uma mão humana e baixado com força sobre a árvore, o que significa que essa é a ação de um ser senciente que corta a árvore. O alimento, sem dúvida, satisfaz a fome, mas apenas se for colocado na boca e engolido pelo comedor. Similarmente, embora o resultado acumulado de boas e más ações de vidas passadas seja o motivo de uma pessoa experimentar alegrias e tristezas, as próprias ações não são capazes de dar resultados, pois são insensíveis e acabam logo que são concluídas. É o Senhor, que é o Eu interno e o controlador interno de todos, que distribui os resultados das ações passadas.

85. Vários ritos obrigatórios, bem como ritos opcionais para a realização de desejos específicos, são prescritos para as diferentes castas e fases da vida pelas Smritis (Dharma Sastras). Os Vedas (e a Gita) declaram que se esses ritos são realizados como uma oferenda a Brahman (sem desejo pelo fruto), eles dão resultados muito atrativos na forma de pureza mental, que é o pré-requisito essencial para a obtenção de Autorrealização. Assim como um indivíduo pode ficar satisfeito com o oferecimento de algo que agrada os seus órgãos dos sentidos e ação, e uma árvore é nutrida pelo derramamento de água na raiz, o Senhor Supremo fica satisfeito junto com todas as várias divindades pelo oferecimento de todas as ações ao Senhor.

86. Uma pessoa que adquiriu punya (mérito religioso) considerável por estudar os Vedas e realizar os ritos prescritos, mas morre sem conhecer o Eu (nem mesmo indiretamente), terá todo o seu mérito esgotado após um breve período de prazer no céu. Ela então nascerá de novo na terra e ficará sujeita ao sofrimento. Mas uma pessoa que adquiriu conhecimento indireto (paroksha) do Eu e está se esforçando pela realização desfrutará de grande felicidade nos mundos mais elevados por um longo tempo, mesmo que ela não tenha se tornado livre de desejos e tenha morrido antes da realização direta real do Eu. E uma pessoa que se tornou totalmente livre de desejos alcança a bem-aventurança suprema ao realmente realizar o Eu. Deve-se, portanto, meditar apenas no Eu e se esforçar pela realização direta.

87. Não é apenas pela luz do sol, da lua ou do fogo que os objetos se tornam visíveis para nós. A luz do sol, da lua ou do fogo não pode, por si só, tornar o sol, a lua ou o fogo perceptíveis para nós. Esses luminares são vistos por nós somente quando o Eu ou a Consciência funciona através dos olhos. (Não podemos ver o sol mesmo durante o dia se fechamos os olhos. Não vemos a lua ou o fogo quando estamos dormindo). Portanto, segue-se que é só pela luz do Eu que até mesmo o sol, a lua e o fogo são vistos. Os olhos, ouvidos e outros órgãos sensoriais são capazes de ver, ouvir, etc., somente pela luz do Eu. Assim, o Eu é a única luz para todos.

88. O Jiva (indivíduo) bebe água e ingere alimento com a ajuda do Prana ou força vital. Esse Prana tem cinco nomes diferentes de acordo com as cinco funções desempenhadas por ele. Eles são, Prana, Apana, Vyana, Samana e Udana. O fogo digestivo no estômago, conhecido como Vaisvanara, fortalecido pelo Prana (em seu aspecto conhecido como Samana) digere o alimento lentamente ou rapidamente. Vyana distribui a essência do alimento digerido para todos os órgãos. O resíduo fétido é expelido do corpo por Apana.

89. Prana, a força vital, que é o regente de todos os órgãos e dá a eles o poder de realizarem as suas atividades, tem cinco nomes diferentes, ou seja, Prana, Apana, Vyana, Samana e Udana, de acordo com as cinco atividades diferentes realizadas. Esse Prana, que está bem estabelecido em cada corpo, é capaz de realizar todas essas atividades apenas por causa da presença de Brahman ou do Eu que é pura consciência. Esse Brahman é, portanto, chamado de o Prana do Prana, no sentido de que é ele que capacita o Prana a realizar as suas atividades. Ele é também o olho do olho, porque é só por causa da presença do Eu que o olho é capaz de ver. Da mesma forma, todos os outros órgãos de sensação e ação têm o poder de realizar suas respectivas atividades apenas por causa da presença do Eu. Ao mesmo tempo, o Eu é uma mera testemunha das atividades de todos os órgãos. Ele mesmo não age nem faz os órgãos agirem, porque ele é sem ação. Eu sou esse Eu (e não a mente, os órgãos ou o corpo físico).

90. É pela luz dessa única e pura consciência (Brahman) que a terra, a água, o ar, o sol, a lua e tudo o mais, cada qual com sua própria forma, modos e características, brilha. Todos eles devem sua existência a esse Brahman. Mesmo incontáveis lampejos de relâmpago, fogos ou aglomerados de estrelas podem iluminar aquele Governante Supremo de todos, que não nasce quando os corpos nascem durante a criação ou mesmo no começo de um novo ciclo de criação, que é imortal, é eterno, é calmo por ser intocado por quaisquer apegos, aversões e similares, está além das limitações de tempo, espaço e objetos, é onisciente e autorrefulgente?

91. Se para alguma pessoa, quem quer que seja, a realização de que "Eu sou Brahman" surgiu como uma experiência direta, como resultado do olhar de néctar cheio de incomparável compaixão de um Sadguru que é uma alma realizada, então essa pessoa é um Jivanmukta para quem todas as dúvidas deixaram de existir e cuja mente está livre de toda ilusão. (Ele continua a viver no corpo até que o seu Prarabdhakarma se esgote). Então, quando o seu adjunto limitante (Upadhi) na forma do complexo corpo-mente deixa de existir (na morte do corpo), ele alcança a suprema, eterna e única morada de bem-aventurança, Brahman, e se torna um Videhamukta.

92. Eu não sou o corpo, nem os órgãos dos sentidos e de ação, nem a mente extremamente instável e perecível, nem mesmo o intelecto, nem a força vital; como eu posso ser essa massa de objetos absolutamente inertes? Eu não sou o ego, e estou longe de me identificar com minha esposa, casa, filho, parentes, campo, riqueza, etc. Eu sou a mera testemunha não envolvida de todos esses, a consciência pura, o Eu mais profundo que é o substrato de todo o universo e é o mais auspicioso (livre de todo contato com os efeitos de Maya).

93. Todas as coisas nesse mundo que são de diferentes cores, como azul, amarelo, etc. (e de formas diferentes) são objetos vistos pelo olho. As formas e cores são de muitos tipos, mas o olho que as vê é de um tipo só. O olho é assim o observador e os objetos são os observados. Mas o próprio olho se torna um objeto observado para a mente que vê (conhece) o olho. A mente, com todas as suas modificações na forma de vários objetos, se torna um objeto de percepção para o Eu que é a testemunha de tudo e é sempre o observador. O Eu nunca se torna um objeto de percepção. Ele é sempre o sujeito.

94. Por causa da ignorância do fato de que o objeto à frente é uma corda, ele aparece como uma cobra. Igualmente, por causa da ignorância da própria natureza real, o Eu aparece como um Jiva (indivíduo limitado) muito miserável. Quando a ilusão de que é uma cobra é removida pelas palavras de um simpaticante (que afirma que é apenas uma corda), percebe-se que é apenas uma corda. Assim também, eu percebo a partir das palavras de meu Guru que eu não sou absolutamente um Jiva, mas a testemunha imutável de tudo, que é a bem-aventurança em si.

95. (Este está na forma de um diálogo entre o Guru e o discípulo).

Guru: Diga-me, qual é a luz para você nesse mundo?

Discípulo: Durante o dia é a luz do sol. À noite é a luz da lua e das lâmpadas.

Guru: O que é que permite que você veja o sol, a lua, as lâmpadas, etc.?

Discípulo: É o olho.

Guru: Quando o seu olho está fechado, o que é a luz para você?

Discípulo: É o intelecto, que é muito brilhante e capaz de conhecer tudo.

Guru: O que ilumina o intelecto (e dá a ele a capacidade de conhecer)?

Discípulo: Eu mesmo.

Guru: Então você é aquele Eu que ilumina tudo.

Discípulo: Ó Guru, eu mesmo sou aquela luz suprema (Brahman).

96. O Jivanmukta continua a viver nessa terra até que o seu Prarabdhakarma se esgote. Mas, durante esse período, ele não se identifica de modo algum com o seu complexo corpo-mente. Ele não é afetado pelos pares de opostos, como calor e frio, honra e desonra, sucesso e fracasso e similares. Ele é sempre puro, livre da presunção de "eu" e "meu", sempre contente, com a sua mente fixa firmemente na contemplação do Eu, a própria encarnação da bem-aventurança suprema de Brahman, e é totalmente livre da ilusão. Ele realiza todas as suas atividades diárias alegremente; de uma maneira indescritível, a sua mente está sempre livre de apego.

97. Quando a realização incomparável e purificadora de sua identidade com Brahman, que é da própria natureza da consciência pura, surge firmemente na mente de alguém, a ideia de diferença entre o Jivatma e o Brahman, que ele nutria até então, é destruída imediatamente. Por essa realização, Maya, que é a causa da transmigração, também é destruída por ele. Depois disso, mesmo que Maya exista (para outros), ela não pode causar nenhuma escravidão para ele por causa da força de sua realização de sua natureza real como idêntica a Brahman.

98. Depois de chupar o suco de uma fruta, como uma manga, o homem joga fora o resto da fruta, mesmo que ela ainda seja muito cheirosa.

Similarmente, o Jivanmukta que percebeu, através das escrituras, que esse universo não tem uma realidade fundamental, deixa de considerá-lo como real e se torna totalmente absorto em Brahman que é Existência, Consciência Pura, não dual, imortal e a própria Bem-aventurança. Tendo se tornado autorrefulgente (por causa da realização da identidade com o Brahman autorrefulgente) e absolutamente calmo em mente e tendo realizado, com uma mente discernente, que todo esse universo é insubstancial, ele abandona todo o apego ao mundo.

99. Quando esse Brahman, que é pura consciência em si, que não é maculado pelos três gunas, Sattva, Rajas e Tamas, que é indicado pelas palavras "Aquilo tu és" e outros Mahavakyas, que é imutável, que não está dentro do escopo das injunções dos Vedas e que não pode nem ser concebido pela mente, que é o Eu interno de todos, o Senhor Supremo e o governante de todos, é realizado por uma pessoa como o seu próprio Eu, então, imediatamente, todos os resultados acumulados de sua ação passada (karma) são destruídos. O nó do coração, pelo qual o Atma e o complexo corpo-mente estão unidos, é cortado em pedaços. Todas as suas dúvidas, que são a causa de seus repetidos nascimentos e mortes, se dissolvem.

100. O sábio deve entender que a árvore da transmigração tem o seu karma passado como a raiz; o desejo, raiva, etc. como os ramos; a ilusão, orgulho, alegria, tristeza, etc. como suas muitas folhas; produz apenas nascimentos e mortes repetidos como os frutos, tem filhos, animais, esposa, filhas, etc. como as aves que vivem nela e é muito vasta em tamanho. Conhecendo a verdadeira natureza dessa árvore em seu início, meio e fim, ou seja, que ela é perecível, ele deve derruba-la com a espada do desapego. Ele deve sempre concentrar a sua mente em meditação sobre o Senhor Vasudeva, o habitante de todos os seres.

101. Todo esse universo nasceu de mim, é sustentado por mim e finalmente imerge em mim. Eu sou esse Brahman, por cuja mera lembrança todos os atos auspiciosos, como os sacrifícios, mesmo quando executados de maneira deficiente, obtêm completude e produzem os resultados desejados. Eu me prostro muito alegremente diante desse Senhor Supremo imutável.

* * *